Entre o tempo do corpo e o tempo do inconsciente: reverberações da sexualidade no envelhe(ser)

Isabel Cristina Alves[1]

Resumo: A sexualidade no envelhecimento permanece cercada por tabus e concepções que frequentemente associam a velhice ao declínio do desejo e da vida afetiva. A partir de uma reflexão de orientação psicanalítica, este artigo propõe discutir os efeitos psíquicos da sexualidade no envelhe(ser), compreendidos como expressões do desejo, do corpo, do narcisismo e dos vínculos ao longo da vida psíquica. Tomando como ponto de partida o caso clínico de Clara, nome fictício adotado para preservar o sigilo analítico, discutem-se as transformações corporais, as perdas narcísicas, o trabalho psíquico do luto e a permanência do desejo diante da passagem do tempo. O texto articula contribuições de Freud, Winnicott, Ferro, Mucida, Beauvoir e Bregalanti, a fim de refletir sobre a singularidade do envelhecimento, a atemporalidade do inconsciente e a importância da escuta psicanalítica na clínica com pessoas idosas. Conclui-se que a velhice não constitui uma categoria homogênea, mas uma experiência singular, na qual a sexualidade continua produzindo efeitos por meio das transformações do corpo, dos vínculos e das diferentes formas de sustentação do desejo.

Palavras-chave: Psicanálise, sexualidade, envelhecimento, desejo, inconsciente.

Introdução

Neste trabalho, a partir da concepção freudiana, a sexualidade é compreendida como uma dimensão constitutiva da vida psíquica, que atravessa o desejo, o corpo, o narcisismo e os vínculos. No envelhecimento, sua incidência torna-se particularmente evidente, convocando o sujeito a construir novas formas de existir diante das transformações corporais, das perdas e da finitude.

Quando recebemos um paciente, nunca sabemos quem está por trás da porta. Cada encontro inaugura uma experiência singular, marcada pela história do sujeito e por aquilo que

[1] Psicóloga clínica e membro filiada à Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG). Especialista em Teoria e Técnica Psicanalítica. Correspondência: Avenida Pereira Teixeira, 375, sala 206, segundo andar, Centro – Barbacena/MG – CEP 36200-034. Telefone: (32) 99902-3771. E-mail: isabel.psicologa@ymail.com.

emerge na relação transferencial. É nessa escuta que o analista frequentemente se depara com questões que ultrapassam o motivo inicial da procura por atendimento.

Este artigo nasceu do encontro com Clara, nome fictício atribuído a uma paciente de 85 anos que iniciou seu processo terapêutico a pedido da filha. Para preservar o sigilo e os princípios éticos da prática psicanalítica, foram modificados elementos que pudessem identificá-la.

Nas primeiras sessões, sua narrativa encontrava-se fortemente atravessada pelo envelhecimento. Clara expressava desconforto diante da própria idade, das limitações impostas pelo tempo e das mudanças percebidas em seu corpo. Em determinado momento do processo analítico, contudo, emergiu um aspecto que ampliou a compreensão de seu sofrimento: o ciúme da empregada. O medo de perder o interesse do marido, as dificuldades com a memória, a impossibilidade de dirigir e os episódios de incontinência urinária revelavam o impacto dessas transformações na forma como passou a reconhecer-se enquanto mulher.

Ao escutá-la, fui atravessada por temas historicamente cercados por tabus: a sexualidade, o envelhecimento e a morte. Dessa experiência clínica emergiu a questão que orienta este trabalho: de que maneira a sexualidade continua incidindo sobre a experiência do envelhe(ser)[2]?

Ao abordar a clínica do envelhecimento, Mucida (2014) destaca que toda análise constitui um processo singular, exigindo do analista atenção e delicadeza diante da realidade psíquica apresentada pelo sujeito. Na clínica com pessoas idosas, essa escuta é atravessada pelas transformações do corpo, pelas perdas acumuladas ao longo da vida e pela proximidade da finitude.

Toda reflexão psicanalítica sobre a sexualidade conduz, inevitavelmente, a Freud. Ao formular uma concepção ampliada da sexualidade e articulá-la ao desejo, ao inconsciente e à constituição psíquica, o autor rompeu paradigmas científicos e culturais que marcaram profundamente o pensamento moderno (Freud, 1905/2016).

Partindo dessas questões, este artigo busca compreender de que modo a sexualidade continua operando no envelhe(ser), articulando contribuições de Freud, Winnicott, Beauvoir, Mucida, Ferro e Bregalanti para refletir sobre a permanência do desejo, a atemporalidade do inconsciente e os processos de simbolização que atravessam a experiência do envelhecimento.

O corpo que envelhece: efeitos da sexualidade sobre a experiência do envelhe(ser)

"O tempo rói."
(Resposta ao Tempo – Caymmi, 1998)

[2] Neste artigo, a grafia envelhe(ser) é utilizada para enfatizar que o envelhecimento não se restringe à passagem cronológica do tempo nem às transformações biológicas. A inserção de (ser) destaca o envelhecimento como um processo subjetivo, no qual o sujeito continua elaborando perdas, reorganizando investimentos, produzindo novos sentidos e dando continuidade à própria história. Assim, a expressão busca evidenciar o envelhecer como experiência do ser.

O tempo transforma o corpo. Com ele chegam mudanças, perdas e limitações que, mais cedo ou mais tarde, impõem novas maneiras de relacionar-se consigo mesmo. O envelhecimento não pede licença; inscreve-se silenciosamente na corporeidade e, pouco a pouco, também na maneira como o sujeito passa a reconhecer-se.

Em diferentes sessões, Clara recorda o tempo em que dirigia até o trabalho e, mais tarde, buscava a filha na escola, sempre de vestido e salto alto. Em uma dessas ocasiões, olha para os próprios pés e comenta: “Agora tenho que usar calçados macios, leves, que não apertem. Só tenho esse e uma sandália. O carro está lá na garagem, parado.”

Enquanto a escutava, chamou-me a atenção que a perda não parecia restringir-se ao carro ou aos sapatos. Havia, em seu relato, a lembrança de uma mulher que experimentava autonomia, movimento e uma forma singular de habitar o próprio corpo. O sofrimento situava-se justamente no intervalo entre essa imagem e aquela que agora encontrava diante de si.

Os sapatos, nesse contexto, pareciam carregar mais do que uma função prática. Estavam associados a uma maneira de se apresentar, de caminhar, de ocupar os espaços e de reconhecer-se como mulher. O carro parado na garagem também parecia representar algo que ultrapassava a impossibilidade de dirigir. Na narrativa de Clara, ele remetia a um tempo em que podia sair, trabalhar, buscar a filha e decidir seus próprios deslocamentos. A limitação corporal produzia, assim, efeitos sobre sua autonomia e sobre a imagem que construíra de si ao longo da vida.

Em outro momento, afirma: “O meu corpo é isso aqui agora.” Ao dizer isso, percorre com o olhar os cabelos embranquecidos, a pele marcada pelo tempo, as rugas que se aprofundaram e os machucados que surgem com facilidade. Recorda que antes precisava apenas de óculos escuros; hoje convive com lentes cada vez mais espessas e com cirurgias de catarata. A lingerie, antes escolhida com cuidado, cede lugar às fraldas, introduzindo uma experiência corporal que jamais imaginara experimentar.

Há, nessa fala, algo que me parece ir além da constatação das mudanças físicas. Quando Clara diz “o meu corpo é isso aqui agora”, é como se precisasse reconhecer, quase de maneira concreta, um corpo que nem sempre corresponde àquele que ainda encontra em sua experiência subjetiva. O corpo que aparece diante dela não é apenas o corpo que perdeu determinadas capacidades; é também o corpo que passa a exigir cuidados, adaptações e outras formas de reconhecimento.

Como observa Beauvoir (1970/2018), uma das experiências mais dolorosas do envelhecimento reside no descompasso entre a continuidade da vida subjetiva e o corpo que envelhece.

O sujeito continua reconhecendo em si uma história, desejos e afetos, mas passa a confrontar-se com um corpo que já não corresponde à imagem anteriormente investida.

A escuta de Clara levou-me a pensar que as perdas decorrentes desse processo ultrapassam a dimensão funcional. Elas alcançam o narcisismo, a identidade e o modo como cada sujeito sustenta sua relação consigo mesmo. Aquilo que antes era vivido como possibilidade pode tornar-se estranho, convocando um delicado trabalho psíquico de reconhecimento dessa nova condição.

Nesse percurso, a sexualidade não aparece apenas quando Clara fala diretamente de desejo ou de seu relacionamento conjugal. Ela também se faz presente na maneira como se olha, na preocupação com a própria aparência, no medo de perder o interesse do marido e no ciúme despertado pela presença de outra mulher em sua casa. O ciúme da empregada, que inicialmente poderia parecer deslocado diante de tantas outras questões relacionadas ao envelhecimento, ganhou outro sentido na escuta. Parecia haver ali uma mulher preocupada em continuar sendo vista, reconhecida e desejada.

A presença da empregada introduzia, portanto, uma terceira pessoa em uma relação na qual Clara temia perder seu lugar. O corpo envelhecido, já marcado por limitações e dependências, parecia intensificar uma pergunta sobre seu valor para o outro. Não se tratava simplesmente de saber se o marido mantinha ou não seu interesse, mas de uma questão que tocava sua própria possibilidade de permanecer sendo mulher diante das transformações que experimentava.

Entretanto, a passagem do tempo cronológico não produz transformações equivalentes na vida psíquica. Conflitos, fixações e investimentos pulsionais permanecem ativos, encontrando novos destinos ao longo da existência. Isso conduz a uma pergunta inevitável: em que momento alguém passa a sentir-se velho?

Essa questão reaparece quando Clara relata: “Eu me aposentei cedo, mas também comecei a trabalhar muito nova. Desde então parei tudo.” Sua fala sugere que a velhice não se inaugura pela idade cronológica, mas pelos sentidos atribuídos aos acontecimentos da própria história. A aposentadoria parece ter representado muito mais do que o encerramento de uma atividade profissional; marcou uma mudança significativa na maneira como passou a perceber a si mesma.

Antes, havia um cotidiano organizado em torno de tarefas, deslocamentos e responsabilidades. Havia um corpo que trabalhava, dirigia, cuidava e circulava. Depois, pouco a pouco, algumas dessas possibilidades deixaram de existir. O que se modificava não era apenas aquilo que Clara fazia, mas a maneira como se reconhecia nesse fazer. A perda de deter-

minadas funções parecia produzir uma espécie de interrupção na continuidade da imagem que tinha de si.

O envelhecimento do corpo, contudo, não implica necessariamente o envelhecimento do desejo. As transformações físicas repercutem sobre a imagem de si, o investimento narcísico e a possibilidade de desejar e de sentir-se desejado. A experiência clínica evidencia que a sexualidade permanece como dimensão constitutiva da vida psíquica, produzindo efeitos sobre a feminilidade, a masculinidade, o erotismo, o amor e os vínculos, ainda que encontre, no envelhe(ser), novas formas de expressão.

Envelhe(ser): tempo, inconsciente e sexualidade

A clínica psicanalítica do envelhecimento convida o analista a deslocar o olhar da idade cronológica para a singularidade da história de cada sujeito. Como observa Mucida (2014), não se escutam “idosos” como uma categoria homogênea, mas pessoas atravessadas por desejos, perdas, conflitos e modos singulares de existir. A velhice deixa, assim, de constituir apenas um dado biológico ou social para tornar-se uma experiência que adquire significados próprios na trajetória de cada indivíduo.

Essa perspectiva encontra importante sustentação na *Carta 52* de Freud (1896/1986). Ao conceber o aparelho psíquico como um sistema de sucessivas inscrições e retranscrições, o autor rompe com uma concepção linear da memória e propõe que as experiências não permanecem encerradas no passado, mas podem adquirir novos sentidos à medida que o sujeito atravessa diferentes momentos da vida.

Na experiência do envelhecer, essa concepção ganha especial relevância. As transformações do corpo, as perdas, os lutos e a proximidade da finitude podem fazer retornar experiências que pareciam pertencer exclusivamente ao passado. Não necessariamente porque o sujeito esteja simplesmente lembrando, mas porque o presente pode oferecer novas condições para que algo anteriormente vivido seja novamente experimentado, pensado ou sentido.

Sob essa perspectiva, o envelhe(ser) pode constituir um tempo particularmente fecundo para processos de retranscrição. O que retorna não é necessariamente a experiência tal como aconteceu, mas algo dela que pode adquirir outro lugar na história psíquica. A passagem do tempo, portanto, não significa apenas acumulação de experiências; pode também significar a possibilidade de que essas experiências sejam novamente encontradas.

Na escuta de Clara, essa compreensão foi ganhando contornos mais concretos. Em diferentes momentos do processo analítico, acontecimentos atuais pareciam despertar vivências

anteriores, como se determinadas marcas permanecessem aguardando novas condições para adquirir significado. A passagem do tempo não apagava essas inscrições; ao contrário, parecia criar novas situações nas quais algumas delas podiam reaparecer.

Quando Clara fala de sua aposentadoria, por exemplo, não fala somente de um acontecimento situado no passado. O que aparece no presente é o efeito de ter “parado tudo”. O acontecimento antigo parece ganhar outro peso diante das perdas atuais. Da mesma forma, quando fala do corpo, dos sapatos, do carro ou do marido, não está apenas descrevendo sua condição presente. Sua fala aproxima diferentes tempos de sua vida.

É nesse ponto que a noção de retranscrição ganha força clínica. O presente não substitui o passado, mas pode modificar o lugar que determinadas experiências ocupam na história do sujeito. O que antes parecia encerrado pode retornar sob outra forma. O envelhecimento, com suas perdas concretas, pode fazer emergir questões antigas, agora atravessadas pela experiência de um corpo diferente e pela consciência mais próxima da finitude.

Ao mesmo tempo, Beauvoir (1970/2018) lembra que a velhice também é produzida no laço social. Envelhece-se em um corpo que passa a ser visto, nomeado e significado pelo outro. A experiência subjetiva do envelhecimento resulta, portanto, do encontro entre as transformações corporais, os discursos culturais e a história inconsciente de cada sujeito.

Talvez por isso não exista uma única velhice, mas inúmeras maneiras de envelhe(ser). A aposentadoria, a menopausa, a andropausa, os adoecimentos ou a perda de pessoas significativas podem assumir significados distintos conforme a história de cada sujeito. O mesmo acontecimento que, para alguém, pode representar alívio, para outro pode significar perda; aquilo que é vivido como liberdade por um sujeito pode ser experimentado por outro como desamparo.

No caso de Clara, a aposentadoria parece ter adquirido o sentido de uma interrupção. O corpo que antes se movimentava pela cidade passou a permanecer mais em casa. O carro parado na garagem tornou-se uma imagem concreta dessa mudança. Ao mesmo tempo, o desejo não parou. Ele continuou aparecendo em suas preocupações, em seus ciúmes, nas lembranças e na maneira como se perguntava sobre o lugar que ainda ocupava na vida do marido.

O envelhe(ser), então, deixa de ser compreendido apenas como uma etapa de declínio e pode ser pensado como um tempo de reorganização da experiência. A sexualidade continua produzindo efeitos, não necessariamente pela repetição das formas anteriores de vivê-la, mas pela permanência da capacidade de investir, desejar, lembrar, amar, sofrer e estabelecer vínculos.

O encontro na escuta psicanalítica

"A hora do encontro é também despedida."
(Encontros e Despedidas – Brant e Nascimento, 1985)

A sexualidade atravessa o sujeito para além do corpo biológico e das limitações impostas pela passagem do tempo. Ela permanece viva nos gestos, nas fantasias, nos desejos, nos silêncios e nas diferentes formas de vínculo que sustentam a existência psíquica. No envelhe(ser), não desaparece; reorganiza-se diante das transformações do corpo, das perdas e da proximidade da finitude.

É justamente nesse ponto que o encontro analítico adquire relevância. Mais do que um espaço de fala, o setting pode tornar-se um lugar em que o sujeito encontra condições para sustentar sua vida emocional e atribuir novos sentidos àquilo que, até então, permanecia sem representação.

Ao desenvolver os conceitos de ambiente suficientemente bom e holding, Winnicott (1965/1983) demonstra que o indivíduo somente pode existir de forma criativa quando encontra um ambiente capaz de sustentá-lo emocionalmente. Mesmo quando o corpo envelhece e as perdas se acumulam, permanece a necessidade humana de reconhecimento, investimento afetivo e amparo emocional.

Na clínica de Clara, a própria continuidade dos encontros foi adquirindo significado. Diante de uma paciente que se aproxima do final da vida, poderia parecer que pouco restaria a ser dito. A experiência clínica mostrou exatamente o contrário. A cada sessão surgiam lembranças, acontecimentos cotidianos, pequenos detalhes, sonhos e afetos que, pouco a pouco, revelavam novas camadas de sua história.

O que inicialmente poderia parecer uma conversa sobre o cotidiano ganhava outra dimensão quando escutado psicanaliticamente. Uma fala sobre os sapatos podia trazer o corpo; o corpo podia conduzir à feminilidade; a feminilidade podia aproximar-se do medo de não ser mais desejada; o medo de não ser desejada podia aparecer ligado à presença da empregada. Assim, aquilo que se apresentava de maneira aparentemente fragmentada encontrava, na escuta, possibilidades de articulação.

Foi também nesse movimento que percebi que a temporalidade da sessão não correspondia à temporalidade cronológica da vida. Clara podia falar de um acontecimento ocorrido muitos anos antes com a mesma intensidade afetiva de algo que havia acontecido recentemente. O passado não aparecia como algo morto ou distante. Ele retornava atravessado pelo presente.

A experiência mostrou, portanto, que o tempo cronológico e o tempo psíquico não caminham necessariamente juntos. A idade de Clara era um dado concreto, mas não dava conta daquilo que acontecia em sua vida emocional. Havia lembranças, desejos, conflitos e perguntas que permaneciam vivos.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva freudiana de que o inconsciente não se organiza segundo a passagem linear do tempo. O corpo se modifica, a realidade externa se transforma, mas os desejos, conflitos e marcas da história psíquica continuam produzindo efeitos nos sonhos, nos sintomas, nas repetições e na transferência.

Nessas experiências, fui percebendo que a função do analista talvez consista menos em oferecer respostas do que em sustentar um ambiente suficientemente seguro para que aquilo que permaneceu sem representação encontre caminhos de simbolização. A presença do analista, compreendida como efeito do holding, torna-se uma presença estável e confiável, capaz de acolher a experiência emocional do paciente sem antecipar sentidos nem ocupar o lugar daquele que sabe.

Isso implica também suportar aquilo que ainda não pode ser compreendido. Nem toda fala precisa imediatamente encontrar uma explicação. Algumas permanecem como perguntas, outras retornam de diferentes maneiras. Na clínica, pude perceber que sustentar esse espaço de não saber permitia que Clara continuasse trazendo elementos de sua história sem que fosse necessário fechá-los em uma interpretação definitiva.

Ao refletir sobre o setting analítico, Ferro (1998) propõe compreendê-lo como um espaço continente de simbolização, construído na relação entre analista e paciente. Nessa perspectiva, a experiência analítica transforma ambos: o paciente, que encontra novas possibilidades de elaboração, e o analista, igualmente afetado pela história que escuta.

Na clínica do envelhecimento, essa dimensão ganha especial força. O analista não encontra uma categoria etária, mas um sujeito cuja vida psíquica permanece em movimento. O corpo pode apresentar limitações importantes, mas a vida emocional não se reduz a elas. Enquanto houver palavra, sonho, transferência e desejo, haverá também possibilidade de elaboração.

Talvez seja justamente essa a dimensão ética da clínica psicanalítica: não restaurar um corpo perdido nem oferecer respostas para a finitude, mas sustentar um encontro em que o sujeito possa continuar atribuindo sentido à própria existência.

No caso de Clara, o espaço analítico parecia oferecer também a possibilidade de continuar sendo escutada como mulher, e não somente como alguém que envelheceu. Essa diferença é importante. Escutar uma pessoa idosa como sujeito implica não reduzir sua experiência às

perdas, às doenças ou às limitações. Implica reconhecer que, mesmo diante delas, permanecem desejos, conflitos, lembranças, fantasias e possibilidades de criação.

É nessa possibilidade de permanecer desejando e de ser reconhecido como sujeito de desejo que a escuta psicanalítica revela sua potência diante do envelhe(ser).

As reverberações da sexualidade diante das perdas, do luto e da finitude

"Fez-se noite em meu viver..."
(Travessia – Nascimento, 1967)

Ao longo do processo analítico, Clara vem elaborando, pouco a pouco, as transformações impostas pelo envelhecimento. Em diferentes sessões, ao reconhecer uma nova limitação do corpo ou uma perda decorrente da passagem do tempo, costuma concluir suas falas com a mesma expressão: "Ah! É assim mesmo, né? Tá certo!"

Com o passar das sessões, essa frase deixou de soar como simples resignação. Aos poucos, passei a escutá-la como um indício de trabalho psíquico. A repetição parecia marcar um movimento de elaboração, no qual experiências inicialmente vividas com intenso sofrimento começavam, lentamente, a encontrar novas possibilidades de significação.

O que me chamou a atenção foi justamente a repetição. Clara não dizia essa frase apenas uma vez. Ela retornava a ela diante de diferentes perdas, como se precisasse novamente encontrar uma forma de dizer aquilo que estava vivendo. Em vez de compreendê-la como encerramento da conversa, passei a escutar a frase como parte do próprio processo. Talvez fosse uma maneira de aproximar-se daquilo que ainda doía sem precisar, naquele momento, nomeá-lo de outra forma.

A clínica psicanalítica não compreende a cura como eliminação dos conflitos inconscientes, mas como ampliação da capacidade de o sujeito estabelecer novas formas de relação com sua própria história. Na clínica do envelhecimento, esse processo adquire contornos particulares. O adoecimento, as perdas afetivas, as limitações corporais e as mudanças na imagem de si frequentemente reatualizam marcas inconscientes, convocando-as a novos movimentos de elaboração.

Ao refletir sobre o luto, Bregalanti (2023) mostra que perder não significa apenas separar-se de alguém ou de alguma coisa, mas reorganizar profundamente os investimentos libidinais. No envelhe(ser), essas perdas assumem múltiplas formas: perdem-se pessoas amadas, capacidades, lugares sociais, imagens corporais e referências narcísicas que sustentaram a identidade.

A perda, portanto, não acontece somente quando alguém morre. Pode estar presente quando o sujeito deixa de dirigir, quando já não consegue usar os sapatos que gostava, quando precisa modificar sua relação com o próprio corpo ou quando percebe que já não ocupa determinados lugares sociais. São pequenas e grandes perdas que exigem diferentes trabalhos psíquicos.

Nesse contexto, a sexualidade continua produzindo efeitos na maneira como o sujeito se reconhece, investe libido, estabelece vínculos e permanece capaz de desejar e de sentir-se desejado. No caso de Clara, o desejo não desaparece diante das perdas; ele parece justamente encontrar nelas novos pontos de tensão.

Bregalanti (2023) atribui aos sonhos um lugar privilegiado nesse percurso, por possibilitarem que a vida psíquica continue trabalhando o trauma e produzindo novas formas de simbolização. Foi nesse contexto que Clara iniciou certa sessão dizendo: “Sonhei... Engraçado, não é?”

Contou que, no sonho, comprava bolo, rosca e biscoitos – exatamente os alimentos adquiridos na véspera para o aniversário do marido –, mas os destinava à mãe, já falecida.

A princípio, a própria Clara parecia estranhar o sonho. O “Engraçado, não é?” introduzia uma espécie de surpresa diante daquela cena. Havia algo que ela mesma reconhecia como curioso: os alimentos comprados no presente para celebrar o marido apareciam, no sonho, destinados à mãe que já havia morrido.

Enquanto a escutava, tive a impressão de assistir ao trabalho silencioso do inconsciente. Não me pareceu necessário escolher imediatamente um significado para cada elemento do sonho. O que se apresentava era a possibilidade de observar como diferentes tempos da vida psíquica podiam coexistir naquela pequena cena.

O aniversário do marido pertencia ao presente. A mãe pertencia a uma perda antiga. Os alimentos, porém, apareciam ligados aos dois tempos. Bolo, rosca e biscoitos, objetos concretos de uma situação cotidiana, passavam a ocupar no sonho outro lugar. Aquilo que havia sido comprado para celebrar alguém vivo encontrava, no sonho, uma pessoa morta.

Essa aproximação entre o marido e a mãe não precisa ser tomada como uma interpretação fechada. O que me pareceu significativo foi justamente a possibilidade de o sonho colocar lado a lado experiências que, na vida consciente, permaneciam separadas. O presente e o passado apareciam reunidos, permitindo que algo da história afetiva de Clara continuasse sendo trabalhado.

O sonho também trouxe novamente a dimensão do cuidado. Comprar alimentos para uma comemoração, escolher aquilo que será oferecido ao outro, preparar uma mesa, celebrar um aniversário são gestos que envolvem investimento e vínculo. No sonho, esses mesmos objetos mudavam de destino. A mãe falecida reaparecia como destinatária de algo que havia sido preparado para o marido.

Talvez o sonho apontasse para a permanência de vínculos que não desaparecem simplesmente porque uma pessoa morreu. A relação com os mortos modifica-se, mas não necessariamente deixa de produzir efeitos. A vida psíquica continua encontrando maneiras de manter, transformar ou reinscrever essas relações.

Foi nesse sentido que pude pensar o sonho não apenas como lembrança, mas como trabalho. A mãe não retorna como uma presença real; retorna como figura no sonho, inserida em uma cena construída pelo inconsciente a partir de elementos do presente. O que estava perdido reaparece em outra forma.

A passagem do tempo transformara o corpo de Clara e sua realidade externa, mas não eliminara os processos inconscientes. O sonho parecia mostrar justamente isso: diferentes momentos de sua história podiam continuar dialogando dentro de uma mesma experiência psíquica.

Mais do que recordar, Clara parecia encontrar uma possibilidade de dar outro destino a afetos ligados à memória e à perda. A elaboração não acontecia necessariamente por meio de uma narrativa organizada sobre o passado. Ela podia surgir em uma imagem, em um sonho, em uma frase aparentemente banal ou na repetição de uma expressão.

Acompanhar esse percurso talvez constitua uma das tarefas mais delicadas da clínica psicanalítica. Não se trata de conduzir o sujeito ao esquecimento daquilo que perdeu, mas de testemunhar a construção de uma nova relação com essa perda.

Como lembra Bregalanti (2023), os ritos oferecem um tempo e um lugar para que os vivos construam um destino para aquilo que se rompeu. De maneira semelhante, o setting analítico pode tornar-se esse espaço simbólico em que a perda encontra testemunho, a palavra circula e o sofrimento passa, pouco a pouco, a tornar-se elaborável.

No envelhe(ser), essa possibilidade ganha uma dimensão particular. Quando o sujeito se depara com uma sucessão de perdas e com a proximidade da própria finitude, o trabalho de elaboração não significa negar o que foi perdido nem transformar a velhice em uma nova juventude. Trata-se de poder encontrar formas possíveis de continuar existindo diante daquilo que mudou.

Talvez seja justamente nesse entrelaçamento entre o tempo do corpo e a atemporalidade dos processos inconscientes que o envelhe(ser) revele uma de suas dimensões mais fecundas. Longe de representar apenas declínio, a velhice pode constituir um tempo privilegiado de elaboração, no qual experiências anteriores encontram novas possibilidades de ser vividas e pensadas.

É nesse movimento que a sexualidade continua operando: não porque o corpo permaneça inalterado, mas porque a vida psíquica continua produzindo investimentos, desejos, fantasias, lembranças e vínculos. A sexualidade não desaparece diante do envelhecimento; ela se transforma junto com o sujeito.

Assim, o envelhe(ser) pode ser compreendido como uma experiência na qual corpo, memória, desejo e perda se encontram de maneira singular. O que muda não é a existência da sexualidade, mas as formas pelas quais ela encontra expressão e pelas quais pode ser simbolizada.

Considerações finais

O caso clínico de Clara permitiu refletir sobre a singularidade da experiência do envelhe(ser) e sobre as múltiplas formas pelas quais a sexualidade continua produzindo efeitos ao longo da vida psíquica. O percurso desenvolvido evidenciou que o envelhecimento não representa o esgotamento do desejo, mas convoca o sujeito a estabelecer novas relações com o corpo, com a história e com os vínculos.

Ao longo deste trabalho, buscou-se sustentar que a sexualidade ultrapassa a dimensão da genitalidade. Ela permanece presente nas maneiras pelas quais o sujeito investe libido, elabora perdas, estabelece vínculos e continua atribuindo sentido à própria existência. No caso de Clara, ela apareceu não apenas em sua relação com o marido, mas também no modo como experimentava o próprio corpo, na preocupação com sua aparência, no ciúme e na necessidade de continuar sendo reconhecida como mulher.

A clínica mostrou também que o envelhecimento não pode ser reduzido à passagem do tempo cronológico. O corpo envelhece, mas a vida psíquica não acompanha esse movimento de maneira linear. Uma lembrança antiga pode retornar com força no presente; uma perda pode adquirir novos sentidos muitos anos depois; um sonho pode reunir diferentes tempos da história do sujeito.

A *Carta 52* de Freud oferece, nesse sentido, uma importante chave para pensar o envelhe(ser). As experiências não permanecem simplesmente armazenadas no passado. Elas po-

dem ser retomadas e ganhar novos sentidos diante das experiências posteriores. O envelhecimento, marcado por transformações corporais, perdas e maior proximidade da finitude, pode constituir um momento especialmente propício para esse movimento.

O que se evidenciou na escuta de Clara foi que algumas perdas não se restringiam àquilo que ela já não podia fazer. Perder o carro, os sapatos, a autonomia ou determinadas características corporais implicava também confrontar-se com imagens de si construídas ao longo de sua vida. Nesse processo, a sexualidade se mostrou profundamente relacionada ao narcisismo, ao reconhecimento pelo outro e à possibilidade de continuar ocupando um lugar de desejo.

Da mesma maneira, o sonho em que os alimentos comprados para o aniversário do marido eram destinados à mãe falecida revelou como diferentes tempos da história podem coexistir na vida psíquica. Não se trata de afirmar um significado único para o sonho, mas de reconhecer nele a possibilidade de o inconsciente continuar trabalhando perdas, vínculos e afetos.

A clínica psicanalítica reafirma, assim, sua dimensão ética ao oferecer um espaço em que a palavra pode continuar circulando e o sofrimento encontrar possibilidades de elaboração. Mais do que acompanhar os efeitos do tempo sobre o corpo, a escuta analítica testemunha a permanente capacidade do sujeito de produzir novos sentidos para sua existência.

Pensar o envelhe(ser) pela psicanálise implica, portanto, não tomar a velhice como ponto de chegada de uma trajetória já encerrada. Enquanto houver vida psíquica, haverá movimento. O sujeito pode continuar lembrando, sonhando, desejando, estabelecendo vínculos e criando sentidos, mesmo quando o corpo impõe limites que antes não estavam presentes.

Talvez seja justamente no entrelaçamento entre o tempo do corpo e a atemporalidade dos processos inconscientes que resida a principal contribuição deste trabalho. As transformações corporais, as perdas, os lutos e a proximidade da finitude não silenciam necessariamente a sexualidade; podem, ao contrário, convocar novas formas de elaboração e novos destinos para aquilo que permanece vivo na experiência psíquica.

Assim, o envelhe(ser) pode ser compreendido como um tempo singular, no qual o sujeito é convocado a reconhecer as transformações do corpo sem que isso signifique renunciar à própria vida psíquica. O desejo pode mudar de forma, os vínculos podem se transformar, as perdas podem exigir novos trabalhos de elaboração, mas a possibilidade de investir, desejar e produzir sentidos permanece.

Entre o tempo do corpo e o tempo do inconsciente, há, portanto, um espaço de tensão, mas também de criação. É nesse espaço que a psicanálise continua encontrando uma via para

escutar o sujeito que envelhece não apenas como alguém que perde, mas como alguém que permanece em movimento.

Referências

Beauvoir, S. (2018). *A velhice* (M. H. F. Martins, Trad.). Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1970).

Blanc, A., & Bastos, C. (1998). *Resposta ao tempo* [Canção gravada por Nana Caymmi]. Universal Music.

Brant, F., & Nascimento, M. (1985). *Encontros e despedidas*. [Canção gravada por Milton Nascimento]. UBC.

Bregalanti, L. (2023). *Luto e trauma: Testemunhar a perda, sonhar a morte*. Blucher.

Ferro, A. (1998). *A psicanálise como literatura e terapia*. Imago.

Freud, S. (1986). Carta 52. In: Masson, J. M. (Org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887–1904* (pp. 208–215). Imago. (Trabalho original publicado em 1896).

Freud, S. (1905/2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (P. C. de Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).

Mucida, Â. (2014). *Atendimento psicanalítico do idoso*. Zagodoni.

Nascimento, M. (1967). *Travessia* [Canção gravada por Milton Nascimento]. Codil.

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Artmed. (Trabalho original publicado em 1965).